

humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA
MCMXLVIII-MCMXLIX

Conferencia do Sr. Prof. Jean Bayet

Sob a presidência do Director da Faculdade de Letras, Sr. Prof. Amorim Girão, efectuou-se em 24 de Fevereiro de 1949, promovida pelo Instituto de Estudos Clássicos, uma conferência do Sr. Prof. Jean Bayet, titular da cadeira de Literatura Latina na Sorbona, acerca de «Dificuldades de uma literatura nacional em Roma no 1.º século antes da nossa era». Realizou-se esta conferência na Sala de Fonética Experimental da Faculdade, estando presentes, além de várias personalidades francesas, professores universitários e liceais e muitos estudantes, sobretudo alunos das secções de Filologia Clássica e Filologia Românica. O Sr. Prof. Bayet foi apresentado em termos do maior apreço pelo Sr. Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Director do Instituto de Estudos Franceses, que amavelmente se dignou substituir o Director do Instituto de Estudos Clássicos, impedido de comparecer pelo falecimento de sua mãe. E, após erudita e fluente exposição, que se prolongou por cerca de uma hora e deu a todo o auditório, por entre reflexões extremamente subtis, nítida reconstituição de uma das fases mais importantes e significativas da história da literatura latina, recebeu o sábio conferente, com toda a justiça, as saudações e os efusivos agradecimentos do Sr. Director da Faculdade de Letras.

A Direcção do Instituto de Estudos Clássicos tem muita satisfação em poder reproduzir adiante as palavras do Sr. Doutor Costa Pimpão, um resumo da conferência do Sr. Prof. Jean Bayet, expressamente redigido por este mesmo, e a alocação final do Sr. Director da Faculdade. Mas não o faz sem exprimir o seu reconhecimento a todos os oradores de tão importante sessão, assim como ao Sr. Jean Girodon, leitor de Língua Francesa, que para ela muito contribuiu, e sem se declarar altamente honrada com o ter podido receber, por forma bri-

lhante e produtiva, a colaboração de um mestre francês a quem um labor constante e uma produção copiosa e originalíssima consagram como um dos maiores classicistas contemporâneos.

Palavras do Sr. Doutor Costa Pimpão:

«Mais uma vez, por me encontrar investido nas funções de Director do Instituto de Estudos Franceses, me cabe a ingrata e melindrosa tarefa de substituir o Professor especialista. O Sr. Prof. Jean Bayet, que nos deu a honra de visitar-nos, para realizar, no quadro do Instituto de Estudos Clássicos, uma conferência, deveria ser apresentado pelo Sr. Doutor Rebelo Gonçalves, que acaba de ser atingido por um duro golpe. Pensou-se, a princípio, que o adiamento da conferência poderia permitir o regresso do Sr. Doutor Rebelo Gonçalves e, por consequência, tornar possível a desejada presença do mesmo Professor neste lugar; infelizmente, esse adiamento, por não poder ir além da próxima semana, nada resolveria, pois não se poderia pedir ao Sr. Doutor Rebelo Gonçalves, nas circunstâncias especiais em que se encontra, o sacrifício de vir.

Deste modo, eu só posso dizer que, como Director do Instituto de Estudos Franceses, me congratulo vivamente com a vinda a esta Faculdade de um conferente da categoria do Sr. Prof. Jean Bayet; e, posto que muito afastado dos assuntos em que o ilustre Professor da Sorbona se especializou, devo dizer que não foi sem um vivo sentimento de admiração que folheei as páginas da sua tese intitulada *Les Origines de l'Hercule romain*, bem como a tese complementar *Herclé*: erudição, cultura, saber, novidade de método, aplicados a um ponto extremamente nebuloso, como é o das origens do culto romano de Hércules, fazem das 760 páginas destas duas obras, seguramente, um verdadeiro monumento da ciência francesa. Toda a sua obra posterior, sobre a qual poderia dissertar um especialista dos estudos clássicos, mas não eu, confirma a alta e merecida reputação do ilustre Professor.

Sempre pugnei pela vinda à nossa Faculdade, e nas matérias respeitantes aos estudos franceses, de especialistas que nos esclarecessem com as luzes do seu saber, que nos inspirassem o respeito da verdadeira ciência, que ajudassem a criar em nós a aspiração para mais alto, e nos apontassem o caminho seguro da verdade. Não se trata agora de saber se sempre se terá entendido assim; mas a presença do Sr. Prof. Jean Bayet, autorizado comentador de Tito Lívio, historiador de Roma, autor de *La Sicile grecque*, autor de artigos e memorias sobre a religião e arqueologia romanas, sobre a literatura latina, de estudos sobre Lucrecio, confirma a justeza da nossa aspiração e permite-nos esperar que assim se continuará.

Convencido de que é esta a missão do Instituto de Estudos Franceses, só me resta saudar o ilustre Professor, e agradecer-lhe, desde já, a lição que vai dar-nos.»

Resumo da conferencia do Sr. Prof Jean Bayet—« Difficultes d'une littérature nationale à Rome au I^{er} siècle avant notre ère »;

«Chaque peuple a aujourd'hui le vif sentiment de ce que représente la littérature propre comme expression et sauvegarde de sa nationalité. Mais la construction quasi-parallèle, à partir de sources communes déjà très riches, des littératures européennes modernes nous fait perdre facilement de vue les conditions fort particulières qui ont pesé sur l'élaboration de celle des Romains; et la perfection séduisante de beaucoup des œuvres latines du I^{er} siècle avant J.-C. nous déguise les difficultés et les inégalités d'un effort qui devait n'aboutir que bien plus tard à une expression tout à fait originale.

Après trois siècles de conquêtes, quand un premier effort d'assimilation de la culture grecque semblait près d'aboutir, les crises sociales, le soulèvement des ((Alliés)), les guerres civiles remettent tout en question: vers 80 av. J.-C. une nouvelle société, italo-latine, centrée sur une Rome très cosmopolite et instable, prend difficilement

conscience d'elle-même; et de profondes inégalités intellectuelles y rendent malaisée la naissance d'une littérature homogène, capable à la fois de réaliser l'unité spirituelle de l'Italie Romaine et de représenter ses aspirations nationales. Il a fallu, de la part des écrivains qui s'y sont attachés, un acte de foi permanent, une volonté puissante, qui fait d'eux de véritables héros de l'esprit.

Dans un monde où la lecture était encore fort peu et très inégalement répandue, les formes publiques d'une «littérature orale» sont d'une extrême importance pour l'éducation sociale. Il suffit de penser aux poèmes cycliques ou au lyrisme choral de l'ancienne Grèce, à l'importance du théâtre à Athènes. Mais, au 1^{er} siècle avant notre ère, à Rome, le théâtre justement est en pleine décadence: incertain de ses voies et gâté par les excès de la mise en scène, il pervertit le goût au lieu de former l'esprit; et la vocation, si italienne, à un théâtre musical, fantaisiste ou somptueux, n'arrive pas à se dégager d'efforts gauches et inégaux. — Il en est, par bonheur, tout autrement de l'éloquence qui prend un essor soudain, personnel, malgré l'emprise de la technique des Grecs. Car les Latins tendent à simplifier et généraliser les théories oratoires, à mettre au premier rang l'action et l'efficacité, enfin à nourrir la parole publique de connaissances encyclopédiques. Sur ce dernier point, la hardiesse de l'enseignement cicéronien (ébauché par Crassus, différencié par Yarron) répond à la diversité même et à la gravité complexe des questions qui se débattent au Forum; mais aussi à une curiosité intellectuelle qui tend à s'égaliser à l'ampleur et aux responsabilités de l'Empire. Educatrice donc au premier chef, l'éloquence latine ne put cependant donner la mesure des bienfaits dont elle était capable : d'abord elle était à peu près limitée à Rome; puis les passions politiques et la constante interférence des intérêts privés contrariaient son rayonnement intellectuel; les séductions mêmes de la parole sur un peuple amoureux du bien-dire risquaient de faire primer le fond par la forme; enfin,

mûrie très vite, cette éloquence se trouva, après un demi-siècle seulement, à peu près réduite par la ruine de la République à l'expression académique et aux raffinements d'école.

Mais, dans le même temps, une autre activité littéraire trouvait dans la nouvelle société latine les conditions favorables à la naissance de ses plus complets chefs-d'œuvre: la littérature didactique. Car des curiosités communes (venues du monde hellénistique) — philosophie, astronomie, problèmes religieux, sciences de la nature... — touchaient diversement des publics très différents. Les uns demandaient des manuels succincts, élémentaires; d'autres ne se satisfaisaient que de discussions poussées ou d'une présentation raffinée. Que l'on compare, dans deux domaines différents: d'une part (en dehors des traités utilitaires, séquelle du vieux Catón), *VEconomique* traduite de Xénophon par Cicéron, les *Res Rusticae*, à la fois pratiques et parées, de Varron, les *Géorgiques*, fleur suprême d'une civilisation; de l'autre, à côté des informes libelles d'un Amafinius, les critiques politico-morales de l'Epicurisme par Cicéron, et ce *De Natura Rerum* que Lucrèce n'a pu écrire que pour une aristocratie de l'esprit, à la fois très avertie de l'hellénisme et férue de sa langue nationale. L'esprit latin, s'éduquant dans cet effort multiple de transposition, en peu de temps avait dépassé ses maîtres et du même coup prenait conscience de sa vocation: Rome n'allait plus apparaître seulement comme conquérante ou héritière des patrimoines de l'Orient et de l'Occident; elle se faisait, par un effort sur elle-même, porte-lumière et propagatrice de la pensée grecque auprès des peuples nouveaux qui, comme elle, en avaient besoin pour mûrir. C'est par les *Dialogues* de Cicéron qu'on peut le mieux se rendre compte des caractères particuliers de cette diffusion: un éclectisme moins scientifique qu'humaniste, toujours soucieux d'enrichir l'apport grec par l'expérience latine, de façon qu'il en apparût à la fois plus actuel et plus universel; une mise en ordre, à la fois rationnelle et formelle, dont le Droit par exemple allait bientôt

immensément profiter. Grâce à quoi tout l'ancien hellénisme, rajeuni, fut intégré à la vie de l'Empire méditerranéen, d'où sortiront toutes les civilisations d'Europe.

Cependant, dans l'éclat même de cette réussite, Rome avait encore le sentiment de recevoir plus qu'elle ne donnait; elle aspirait à l'orgueil de s'affirmer en sa grandeur originale; elle soupçonnait peut-être sa vocation d'historienne. Or Cicéron voulait lui persuader qu'elle restait déplorablement inférieure dans le genre historique, «genre oratoire» ajoutait-il. Cela ne risquait-il pas de faire oublier l'effort séculaire de Naevius, d'Ennius, des Annalistes, le labeur patient des «antiquaires», et d'acheminer les dons natifs les plus riches à une rhétorique monotone et trompeuse? Mais ce paradoxe s'explique peut-être par le désir de mettre de l'ordre dans le foisonnement dynamique, tendancieux, en cette période de crise, des publications pseudo-historiques, en vers ou en prose, ¿Mémoires, factums, Commentaires ou épopées; le passé était sacrifié au présent, les consciences incertaines entre l'efficacité populaire et l'action des «hommes providentiels»; l'homogénéité et les destinées du *populus Romanus* semblaient un postulat plus qu'une réalité. Et sans doute Cicéron, s'il avait eu le loisir d'aborder cette nouvelle tâche, n'eût-il pas manqué d'y introduire, sous la grandeur du style, réflexion philosophique et curiosités juridiques : le *De re publica*, le traité *des Lois* en font foi. Mais la maturation se fit encore attendre plusieurs décades. Alors Salluste révéla le dramatisme psychologique le plus vigoureux, tandis que Tite-Live, en conciliant le point de vue cicéronien avec les traditions de l'Annalistique, commençait d'édifier le monument grandiose qui semble synthétiser à lui seul, par le fond comme par la forme, les efforts inégaux de tout un siècle pour doter Rome d'une conscience et d'une littérature nationales à sa taille. Mais l'aboutissement ne répondait déjà plus à l'état des mœurs et de la société.

Inégalités et réussites confirment à la fois combien fut ardue cette promotion de l'esprit latin et quelles énergies vigoureuses durent se mettre au service de cette

tâche. La question se pose, si de telles conquêtes se sont faites aussi en extension, au profit d'un public assez large. On peut en douter: ni Lucrèce ni Catulle (maigre l'extrême naturel de certaines de ses poésies) n'ont pu toucher beaucoup de lecteurs; le débat entre «atticistes» et «asianistes» exhale un relent de cénacles spécialisés. Même si le nombre des Romains instruits s'était beaucoup accru, il était loin de donner couleur littéraire à l'ensemble de la population. A l'inégalité des réussites continuait à répondre une extrême inégalité de niveaux ou même de sensibilité à la culture. C'est d'un autre point de vue, celui de la langue, qu'on mesurera le mieux les progrès. Et qu'on se figure d'abord la redoutable ampleur de la besogne: le latin promu langue internationale, malgré son infériorité par rapport au grec; les conflits internes qui opposent, dans le latin même, la langue administrative et sénatoriale à la langue littéraire; les interférences des dialectes et des parlers plus ou moins hétérogènes des classes populaires ou des milieux d'affaires. L'on se figurera mieux alors l'importance de la révolution qui, transformant la *grauitas* officielle en éloquente dignité, la *dicacitas* romaine en cet atticisme savoureux et varié qu'on goûte dans les lettres de Cicéron et de ses correspondais, la morgue enseignante en l'urbanité des discussions de bonne compagnie, a véritablement créé, à l'usage des siècles futurs et de toute la civilisation européenne, une langue de caractère et de possibilités universels. Et non point seulement une langue d'idées, mais une langue de beauté: si solide en son fond, si sûre déjà de ses moyens, qu'entre Lucrèce, Catulle et Virgile, si extraordinairement divers qu'ils soient, on sent bien que se partagent ou se combinent les vertus d'un même et magnifique idiome. Or ceci est prodigieux: que la saveur nationale ait été, en ce demi-siècle, non seulement sauvegardée, mais accrue et fortifiée à tout jamais, alors que le travail de perfectionnement se faisait à partir de la littérature grecque et par des hommes qui, pratiquement bilingues, ne pouvaient qu'admirer passionnément la langue et les créations de leurs maîtres.

Ce labeur sur la langue, c'est peut-être en fait la plus grande réussite des Latins du premier siècle en matière de littérature nationale. Car les œuvres qu'ils nous ont laissées, pour splendides qu'elles soient, il faut les dire «gréco-latines»: d'inoubliable parfum, il est vrai, et l'une des parties les plus précieuses du patrimoine de l'Humanité. Mais la véritable littérature nationale romaine apparaîtra plus tard, d'un tout autre goût et de frappante originalité, avec les Sénèque, les Lucain, les Juvénal, les Tacite. Et, par un autre paradoxe, les «provinciaux», fils non charnels, mais spirituels, de la Cité tibérine, y tiendront une place de choix. Preuve éclatante que Rome n'était pas seulement capable d'universaliser la pensée grecque, mais que d'un rayonnement personnel elle pouvait illuminer les nations. Et sans doute cette force est-elle secrètement pour beaucoup dans le charme des œuvres latines du dernier siècle de la République, ce charme qui, lorsque nous les mettons tout à côté des trésors des Grecs, nous les fait sentir différentes et irremplaçables. Une force d'énergie volontaire, de pénétration psychologique, d'infatigable mouvement, de drame et d'avidité conquérante: il n'en fallait pas moins pour imposer au monde méditerranéen, saturé d'Hellénisme, une nouvelle littérature promise à la grandeur, et grande du premier coup.»

Palavras do Sr. Director da Faculdade :

«Ao encerrar esta sessão, é reportando-me a palavras de pesar já aqui proferidas que tenho de o fazer. Quis a terrível Parca cortar o fio da existência da extremosa Mãe do Sr. Director do Instituto de Estudos Clássicos precisamente quando mais necessária se tornava a sua presença, e — estou certo disso — quando mais grato lhe seria também estar entre nós : nesta hora em que a Faculdade de Letras de Coimbra recebe a penhorante visita do insigne professor de Literatura Latina da Sorbona, o Sr. Jean Bayet. E, por isso, ainda há pouco recebi telegráficamente do Sr. Prof. Rebelo

Gonçalves a incumbência de em seu nome saudar o ilustre colega francês e de dizer-lhe, e de dizer a todos os presentes, as graves e imperiosas razões que o impossibilitam de aqui se encontrar, como era seu grande desejo.

Cumprido este doloroso dever, quero agradecer ao ilustre conferente de hoje a honra que nos deu de vir a esta casa, ao mesmo tempo que o felicito vivamente pela magnífica lição que acabamos de ouvir.

Apesar de trazer o espírito solicitado por assuntos bem diversos, não constituiu esta conferência grande surpresa para mim. Ao percorrer, não há muito, as belas páginas da *Literatura Latina* do Sr. Jean Bayet, pude apreciar — se me é lícito meter foice em seara alheia — o esforço renovador, o método admirável e o alto sentido pedagógico que presidiram à sua organização. Não é de um frio manual de história literária, à moda antiga, que se trata, compilação de velhas páginas ou de biografias de escritores dos tempos idos : e' antes a reconstituição, pelos textos e pela imagem, da vida na antiguidade, tornando assim o estudo da literatura mais atraente, mais vivo, mais sugestivo.

A lição que acabamos de ouvir demonstra bem a especial competência do orador desta sessão. Por ela ficamos sabendo como foi através de graves dificuldades, e ao fim de longo mas decisivo esforço, que os Latinos puderam chegar à afirmação de uma florescente literatura nacional.

Em nome da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e no meu próprio nome, agradeço ao Instituto de Estudos Clássicos o ensejo que nos proporcionou de ouvir tão abalizado Mestre. E ao Sr. Jean Bayet renovo também os meus agradecimentos e felicitações, com sinceros votos de que por mais vezes nos seja dado ouvir a sua palavra erudita e autorizada.»